

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM PERÍODO PÓS-PANDÊMICO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIAS

Maria Dágela de Jesus Augusto¹
Ademar Maia Filho²
Luiza Maria Valdevino Brito³
Francisco Mário de Sousa Silva⁴

INTRODUÇÃO

No Brasil, mesmo após o fim da Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN) a pandemia da covid-19 continua sendo pauta de relevância em diversos setores socioeconômicos, especialmente quando considerado a elaboração e implementação de estratégias que visam amenizar ou eliminar as sequelas decorrentes da pandemia.

Entre os setores mais afetados está a educação, pois essa ocorrência evidenciou ainda mais as fragilidades e mazelas educacionais, tendo em vista que parte da população brasileira não tem acesso à internet e também pais ou responsáveis preparados para lidar diretamente com a educação de seus filhos; assim também como os profissionais da educação que foram surpreendidos com o "novo normal" e tiveram que adaptar suas práticas pedagógicas para o modelo remoto.

Por tanto, dificuldades enfrentadas nesse novo modelo de educação foram mais impasses no processo de ensino-aprendizagem mesmo em período pós-pandêmico, pois gerou ainda mais atrasos da educação.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Essa é uma pesquisa de caráter qualitativo, uma vez que ela corresponde a "um nível de realidade que não pode ser quantificado" e a "um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis" (MINAYO, 2000, p.21 e 22).

¹ Pedagoga pela Universidade Regional do Cariri - URCA, mariadagela.augusto@seduc.juazeiro.ce.gov.br;

² Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri - UFCA ademarfilho_9@hotmail.com;

³ Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável pela Universidade Federal do Cariri - UFCA, luizavbrito@yahoo.com.br;

⁴ Doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, fcomariojrnl@yahoo.com.br;

Assim, compõe esse estudo, um relato de experiências, no qual aponta dificuldades enfrentadas e sugestões de práticas pedagógicas efetivadas após a pandemia da covid-19, com estudantes, do primeiro ano do Ensino Fundamenta, de uma escola pública, em um bairro periférico, na cidade de Juazeiro do Norte, no interior do Ceará. Para tanto, utilizou-se de observação participante, estudos bibliográficos e documentais, realizados durante o período do ano letivo de 2023.

REFERENCIAL TEÓRICO

Não há como falar de educação, atualmente, sem citar o fato da pandemia da Covid-19. Um acontecimento que atingiu globalmente humanidade em todas as esferas política, econômica do sistema de ensino. E para entendermos as problemáticas do ensino pós-pandemia é necessário fazer uma breve contextualização desse período conturbado em que vivenciamos.

No início do ano de 2020 eclodiu mundialmente o SARS-CoV-2, denominado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como Covid-19. Assim, toda a população mundial teve que se reinventar para se adaptar ao “novo normal”, desde então. As aulas que antes eram presenciais passaram para o sistema remoto de ensino, fazendo com que professores se submetessem ao uso das tecnologias, sem que muitos não tivessem o domínio básico de informáticas. Também teve a adaptação dos pais ao lidar diretamente com o processo de ensino-aprendizagem dos filhos sendo uma mediador entre a relação professor-aluno. Não podemos esquecer do público estudantil que se viram obrigados a, literalmente, assistir aulas. E quando as famílias tinham acesso à internet, quando não tinham ficavam à mercê de outras estratégias de ensino à distância.

Nesse contexto, sobre o aprendizagem dos educandos, Ortega e Rocha (2020) ressalta que:

As crianças, principalmente, dependem do apoio e da mediação de terceiros para efetivarem significativamente suas aprendizagens e para, automaticamente, a partir das diferentes fontes de informação, extraírem conhecimentos analisá-los, processá-los e aplicá-los em suas experiências e práticas cotidianas (p.305).

O processo de ensino-aprendizagem que já era desafio se tornou ainda mais complexo, pois já não se tinha a relação interpessoal professor-aluno, estes estavam separados por uma tela e o mediador tinha que ser os pais ou algum responsável pela criança, que não tinham o domínio da “didática, prática pedagógica, entre outros, exceto aqueles que têm formação para o magistério” (FREITAS, 2023; p. 6).

Os problemas no sistema de ensino foram acentuados com a pandemia, expondo assim as fragilidades e mazelas educacionais, como é constatado:

Conforme a Unesco, um ano após o início da pandemia em 2020, quase metade dos estudantes do mundo ainda se sentem afetados pelo fechamento parcial ou total das escolas, e mais de 100 milhões de crianças adicionais cairão abaixo do nível mínimo de proficiência em leitura como resultado dessa crise de saúde. Priorizar a recuperação da Educação é primordial para evitar uma catástrofe que afetará toda uma geração. Governos e instituições estão apoiando milhares de crianças em seus esforços para mitigar o impacto do fechamento de escolas, para lidar com as perdas de aprendizagem e adaptar os sistemas de Educação, especialmente em comunidades vulneráveis e desfavorecidas, porque reconhecem que existem desigualdades sociais (UNESCO, 2021).

Pode ser confirmado esse fato, no retorno às aulas que foram gradativamente, sendo em formato, híbrido, no começo do ano de 2022 e, ainda os impactos no ano de 2023, no formato totalmente presencial, conforme será discutido neste trabalho.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Conhecendo o contexto socioeconômico ao qual estávamos inseridos, não foi uma surpresa nos depararmos com a situação educacional dos educandos do primeiro ano do Ensino Fundamental, período de alfabetização. Pois, sabemos que existe uma ruptura entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, desde a estrutura e ambientação do espaço até o ensino. Esse rompimento pode ser menos brusco a depender dos profissionais que fazem a escolar e, em especial o professor em suas práticas pedagógicas.

De início, nos primeiros dias do ano letivo, precisamos ter um olhar mais sensível, observador e questionador, pois estamos lidando com uma faixa etária entre seis e sete anos, que estão passando não somente de nível escolar, mas também encontra-se em transição de estágios de desenvolvimento cognitivo que, segundo Jean Piaget, existem quatro etapas do desenvolvimento cognitivo: sensoriomotora (0 a 2 anos), as ações são construídas a partir dos reflexos; pré-operatório (2 a 7 anos), tendo como características principais a aquisição da linguagem oral, o animismo, com criações de um mundo de fantasias; operatório-concreta (7 a 12 anos), marcada pelo pensamento lógico e se tornando menos egocêntrico; e, por fim, o operacional formal (a partir dos 12 anos), período em que já consegue compreender situações abstratas, não se limitando a realidade concreta.

As crianças do primeiro ano estão entre os estágios pré-operacional e operacional concreto, ou seja, a criança está saindo do mundo de fantasia, em que para ela os objetos têm vida e entrando em uma fase do pensamento lógico, em que ela enxerga o mundo a partir concreto, porém ainda não se pode cobrar da criança que ela compreenda conceitos abstratos, que é pertencente ao outro estágio do desenvolvimento. Para trabalhar na sala de alfabetização é preciso ter noção desses conceitos e, então conduzir estratégias pedagógicas que façam com que os educandos aprendam conteúdos abstratos a partir do concreto.

Piaget e Wallon, dentro de suas linhas de pesquisa, ressaltam a importância do meio externo e as relações interpessoais para o desenvolvimento da criança. Contudo, sabemos que a situação pandêmica interferiu nesse processo, em que as crianças já não podiam ir para escolar, ter contato com o professor e com demais colegas, precisam ficar em casa e se submeter ao novo modelo de educação, aulas remotas. O que casou atrasos na aprendizagem

e desenvolvimento das crianças. Pode-se constatar, no retorno às salas de aula, que habilidades que deveriam ser desenvolvidas na educação infantil foram retardadas, pois recebemos crianças que estavam em nível de Infantil IV, em relação à aprendizagem.

Mais de metade da turma não tinham noção de lateralidade, noções de espaço e tempo, numeração e, até mesmo, crianças que mal sabiam manusear o lápis e o caderno na hora de realizar as atividades.

Diante dessa realidade foram pensadas práticas pedagógicas que atendessem demandas do nível escolar como um todo e também estratégias específicas para suprir as necessidades educacionais do exposto anteriormente.

Nas primeiras semanas foram feitas rodas de conversas sobre como foram os anos na educação infantil, tanto no formato remoto, presencial e híbrido. Foi questionado o que eles mais gostavam de fazer, o que não gostaram e o que eles aprenderam. Depois, registrado em forma de desenhos. Esse é um importante ponto de partida para trabalhar o conhecimento a ser adquirido, assim como bem enfatiza Paulo Freire (apud Dickman, 2020):

O conhecimento se constrói no diálogo entre educadores e educandos, a partir do contexto concreto que estão inseridos. Esse momento de contextualização é preparatório para pensar as ações de mudança, é o tempo de aprofundar a leitura de mundo, contextualizando o saber que será produzido no diálogo libertador (p. 108).

Após esses primeiros contatos foi possível conhecer um pouco do público que estávamos recebendo. Em seguida, foi feito um diagnóstico de leitura e escrita para averiguar o nível em que cada criança se encontrava que, segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky, em sua obra *Psicogênese da língua escrita*, descrevem que a criança passa por quatro níveis de aprendizagem, são eles: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético. Diga-se de passagem que o diagnóstico foi realizado mensalmente para verificar o desempenho de cada educando e assim nortear as práticas atividades pedagógicas para que eles pudessem avançar no aprendizado.

Depois de todos esses materiais coletados, foram elaborados cadernos para a turma com atividades diversas que atendessem tanto o público pré-silábico e não leitor quanto os leitores e silábicos-alfabéticos; foram realizadas atividades de reforço extraclasse, administradas na hora-atividade do professor; e, ainda, jogos pedagógicos de alfabetização, como bingos, ditado estourado, jogo da memória, entre outros.

Concluimos o ano letivo com mais de metade da sala sendo leitores pelos menos de sílabas e palavras simples. E aqueles que não eram leitores e ainda eram pré-silábicos também obteve avanços, pois já sabiam identificar letras, números e símbolos, escreviam o nome, sabiam as cores e conseguiam copiar no caderno as atividades do quadro. Poderiam dizer que não teve grandes avanços e que não conseguimos atingir todos os descritores voltados para o primeiro ano, mas conseguimos estimular o desenvolvimento para que não fossem mais consideradas crianças em nível de educação infantil ao qual chegaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que, no contexto da turma observada, a pandemia resultou em um conjunto de dificuldades que refletiram diretamente no processo de ensino-aprendizagem. Já no início do ano letivo, observou-se que, quase a totalidade dos estudantes apresentavam expressivas dificuldades em questões básicas como o reconhecimento de letras e sílabas, sendo necessário mudanças estratégicas no planejamento pedagógico, com vista a sanar as deficiências causadas pela ausência de interações presenciais no período pandêmico.

Conclui-se que, a ideia de “normalidade” pós-pandêmica, presente em alguns discursos sociopolíticos não correspondem à realidade dessa turma e, possivelmente, em muitos outros contextos da educação brasileira, também demandem reflexões mais críticas e aprofundadas, para que assim, possam ser formuladas estratégias que auxiliem na superação das dificuldades de aprendizagem presentes no cotidiano dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003. 70
- FURLAN, Cacilda Mendes Andrade. História do curso de pedagogia no Brasil: 1939-2005, 2008, EDUCERE. Disponível em: . Acesso em: 23/10/2017.
- LUDKE, Menga; ANDRÊ, Marli. Capítulo 3- **Métodos de coleta de dados**: observação, entrevista e análise documental. In:_. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: E.P.U. P. 25-44, 1986. (texto adaptado por Maria Soares, 2010).
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- NÓVOA, António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. São Paulo: Sinpro SP, 2007.
- NÓVOA, António. **O professor pesquisador e reflexivo**. (Entrevista concedida em 13 de setembro de 2001). Disponível em: http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm. Acesso em: 28/10/2017.
- SILVEIRA, Denise Tolf e CORDOVA, Fernanda Peixoto. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf. Acesso em: 29 de Julho 2023.
- TARDIF, Maurice. **Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários**: Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. Revista Brasileira de Educação, 2000.
- DE FREITAS, Lessandro. EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA: OS IMPACTOS DA COVID-19 SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. **Epistemologia e Práxis Educativa - EPeduc**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 1–16, 2023. DOI: 10.26694/epeduc.v6i2.4055. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/epeduc/article/view/4055>. Acesso em: 24 out. 2024.
- Soares, M. de O., & Porto, A. P. T. (2023). **EDUCAÇÃO COMO REINVENÇÃO DA VIDA PÓS-PANDEMIA**. *Educação Em Foco*, 27(1), 27072. <https://doi.org/10.34019/2447-5246.2022.v27.38690>

Lima, L. A. de O., de Souza, H. Y. S., Kimura, D. da P. M., de Sousa, S. N., de Oliveira, R. F., Graf, L., de Souza, S. N., Marques, C. D., Palma, A. L. G. L., & Costa, L. D. dos S. (2023). **A educação pós-pandemia: oportunidades e desafios na utilização de TICs como ferramenta de apoio ao processo de ensino e aprendizagem.** *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, 16(12), 30768–30784. <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.12-103>

Andrade, P. E., Andrade, O. V. C. dos A., & Prado, P. S. T. do .. (2017). **Psicogênese da língua escrita: uma análise necessária.** *Cadernos De Pesquisa*, 47(166), 1416–1439. <https://doi.org/10.1590/198053144361>

Paulo Freire: **método e didática.** / Ivo Dickmann, Ivani Dickmann. 1.ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire, v. 3)

PILETTI, Nelson. **Psicologia Educacional.** Editora Ática, 15ª ed. 1997.

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19.** Paris: Unesco, 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/comissao-futuros-da-educacao-da-unesco-apela-ao-planejamento-antecipado-o-aumento-das> Acesso em: 26 out. 2024.

UNESCO. **Educação: da interrupção à recuperação.** Paris: Unesco, 2021. Disponível em: <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>. Acesso em: 26 out. 2024.

ORTEGA, Lenise Maria Ribeiro; ROCHA, Vitor Fiuza. **O dia depois de amanhã – na realidade e nas mentes – o que esperar da escola pós-pandemia?** *Revista Pedagogia em Ação*, Belo Horizonte, v. 13, n.1, p.302-314. 2020.